

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO DECRESCENTE [eɪ̃] NO DIALETO DE CAXIAS (MA) *

Maria Francisca Ribeiro de ARAÚJO

RESUMO Neste artigo discutimos a monotongação do ditongo decrescente [eɪ̃] no português falado em Caxias, MA (Brasil), à luz da Teoria da Variação (cf. Labov, 1994; Chambers, 1995; Callou et al., 1998, entre outros) e das propostas fonológicas recentes, desenvolvidas no âmbito da Teoria da Sílabas (cf. Bisol 1989, 1994) e da Fonologia de Partículas (cf. Schane, 1995). Procuramos responder às seguintes questões: (1) *Que fatores, lingüísticos e extralingüísticos, se correlacionam com a aplicação da regra de monotongação no dialeto em foco?* (2) *Como o fenômeno vem se implementando: via Difusão Lexical ou de modo regular, no espírito Neogramático?* e (3) *Qual modelo fonológico melhor explicaria o fenômeno em estudo?*

ABSTRACT In this article we discuss the monophthongization of [eɪ̃] falling diphthong in the Portuguese language spoken in Caxias, MA (Brazil), under the Variation Theory (cf. Labov, 1994; Chambers, 1995; Callou et al., 1998) and under the recent phonological proposals, developed in the scope of the Syllable Theory (cf. Bisol 1989, 1994) and Particle Phonology (cf. Schane, 1995). We try to answer to the following questions: (1) *Which linguistic and extra-linguistic factors are correlated with the application of the monophthongization rule?* (2) *How the phenomenon is being implemented: through Lexical Diffusion or through a regular way, in the Neogrammatical philosophy?* and (3) *Which phonological model would best treat that phenomenon?*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado intitulada *A alternância de [eɪ̃] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA*, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp, em 02 de julho de 1999, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Bernadete Marques Abaurre e sob a co-orientação da Prof^a Dr^a Maria Luiza Braga.

1. INTRODUÇÃO

A monotongação dos ditongos decrescentes já tem sido amplamente discutida nas mais distintas variedades do português brasileiro, seja do ponto de vista da variação (Meneghini, 1983; Mota, 1986; Paiva, 1996; Cabreira, 1996 e Mollica, 1998), seja na perspectiva fonético-fonológica (Bisol 1989, 1994, entre outros). Entretanto, longe de esgotar o assunto, muita tinta ainda corre na tentativa de compreender o comportamento desses ditongos.

Trouxemos para este estudo os resultados estatísticos, obtidos segundo a metodologia laboviana (1994), da realização/não-realização do ditongo [eɪ] na fala de 24 informantes da cidade de Caxias (MA). O nosso objetivo é tentar responder às seguintes indagações: i) que fatores, lingüísticos e extralingüísticos, se correlacionam com a aplicação da regra de monotongação no dialeto caxiense? ii) como o fenômeno vem se implementando: via difusão lexical ou de modo regular, no espírito neogramático? iii) qual modelo fonológico melhor daria conta do fenômeno em estudo?

2. DOS FATORES QUE SE CORRELACIONAM COM A APLICAÇÃO DA REGRA DE MONOTONGAÇÃO E O PROBLEMA DA IMPLEMENTAÇÃO

A discussão estabelecida na literatura entre Neogramáticos (NG) e Difusionistas (DL) gira em torno de princípios, ou seja, os Neogramáticos assumem que a mudança sonora é *foneticamente gradual*, mas *lexicalmente abrupta*, procedendo através de etapas imperceptíveis e afetando simultaneamente todos os itens lexicais relevantes. Por outro lado, para os Difusionistas, a mudança sonora é *foneticamente abrupta*, mas *lexicalmente gradual*, no sentido de que avança através de alterações perceptíveis e não atinge todas as palavras relevantes ao mesmo tempo. Para os primeiros, a unidade básica de mudança é o **som** (o segmento); para os últimos, é a **palavra** na medida em que ela pode determinar sua própria história, independentemente de fatores fonético-fonológicos no sistema.

Para Labov (1981, 1994), considerando a classificação das mudanças que ele propõe, a monotongação é prevista por regras Neogramáticas. Trata-se de uma mudança controlada pelo efeito fonético. Ela opera no segmento da palavra, afetando todos os itens de uma classe relevante. Contrariamente à posição de Labov, Oliveira (1991, 1992, 1995, 1997) defende a idéia de que todas as mudanças sonoras se implementam via difusão lexical. O efeito lexical é o controlador principal da mudança. A mudança acontece na palavra e não no segmento (ou parte dela) (1992:34), podendo existir exceções à regra, uma vez que a mudança não afeta todas as palavras simultaneamente.

A partir dos dados do dialeto de Caxias, tentamos ver a possibilidade de aplicação dos modelos difusionista e neogramático.

Os resultados da análise estatística, realizada por meio do programa VARBRUL, foram importantes para avaliar as questões levantadas. Este nos forneceu a seleção de grupos de fatores relevantes e não relevantes para a aplicação da regra de monotongação. Apresentaremos a seguir apenas os resultados para as variáveis relevantes.

2.1. Os grupos de fatores selecionados

O programa selecionou – entre outras variáveis postuladas: contexto fônico precedente quanto ao ponto e quanto ao modo de articulação, sonoridade do segmento seguinte, classes de palavras, posição do ditongo na palavra, dimensão do item lexical, gênero-sexo e classe social – conforme a ordem de importância, os seguintes grupos de fatores: (1) o segmento seguinte, (2) a velocidade de fala, (3) a escolaridade, (4) a tonicidade da sílaba e (5) a idade dos informantes.

2.1.1. Segmento seguinte

Tabela 1: A monotongação do ditongo [ẽ]: efeito do segmento seguinte

SEGMENTO SEGUINTE	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
[r]: feira	479/541 89%	.85
[a]: meia	34/48 71%	.61
[g]: manteiga	10/17 59%	.47
[ʃ]: eixo	62/105 59%	.46
[ʒ]: feijão	23/59 39%	.18
[n]: treino	7/31 35%	.12
Total	615/801 77%	

Input .87 Significance .007

A tabela 1 mostra que dois segmentos, a saber: [r] (.85) e [a] (.61), se correlacionam positivamente com a aplicação da regra de monotongação, enquanto dois outros, a saber: [ʒ] (.18) e [n] (.12), se correlacionam negativamente. Os demais segmentos ocupam posição intermediária: [g] (.47) e [ʃ] (.46). É curioso observar ainda que o segmento [r] é o que concentra o maior número de ocorrências (479/541) do ditongo; mais da metade de todas as ocorrências do *corpus*. Segundo Veado (1983:214) “poderemos (...) suspeitar que o fenômeno da simplificação do [ẽ] tenha se originado diante do segmento /r/ e não diante de [ʃ] e [ʒ], conforme mencionado por Lemle (1978:69)”. Vale mencionar também que diante de [g] a

única palavra envolvida foi *manteiga*¹. Segundo Paiva (1996:226) “é fácil verificar que em outras palavras com o mesmo contexto (...) a supressão é bloqueada como em (...) *meigo*”. O mesmo podemos dizer a respeito do contexto [n], a única palavra envolvida foi *treino*. Outras palavras, tipo *reino*, *pimenta-do-reino*, não são afetadas pela regra. Não seria esta distribuição um indício de implementação via difusão?

Em algumas palavras a regra de monotongação se aplica, p.ex., em *eixo*, *treino* e *manteiga* (antes de [ʃ], [n] e [g], respectivamente) e em outras o fenômeno nunca ocorre, p.ex., em *Seixas*², *reino* e *meigo* (também antes de [ʃ], [n] e [g], respectivamente). Face a estes resultados, podemos indagar: o que está mudando: a palavra ou o som? A distribuição dos dados apresentada acima parece constituir um indício de que a palavra é o alvo da mudança. Reiterando, embora o contexto seja o mesmo, a regra não se aplica uniformemente.

Estes resultados corroboram os de Oliveira (1991:104) para quem o comportamento irregular das palavras constitui um indício de que a regra estaria se implementando pelo modelo de Difusão Lexical, e não pelo modelo Neogramático, como propõe Labov (1981, 1994).

A comparação dos nossos resultados com os de Paiva (1996) e com os de Cabreira (1996), mostra-nos que a regra sofre uma enorme diferenciação dialetal. Enquanto que, para o dialeto caxiense, o contexto vocálico [a] é altamente positivo (.61) para a aplicação da regra, o mesmo não ocorre para o dialeto do Rio (.10) – analisado por Paiva (op. cit.: 225) – nem para os dialetos de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre que exibiram 0% de aplicação, conforme observa Cabreira (op. cit.: 45). Se o condicionamento fônico fosse realmente forte, então seria esperado que todos os dialetos exibissem um comportamento igual, ou pelo menos aproximado. Não seria isso um caso de Difusão Lexical?

2.1.2. Velocidade de fala

Depois do grupo de fatores *segmento seguinte*, a *velocidade de fala* é a variável de maior importância na implementação da regra de monotongação do ditongo [eɪ] no dialeto em foco. Os resultados são os seguintes:

¹ Cf. Machado (1959 [1952]:1419), a palavra *manteiga* é de origem incerta, o mais provável é que ela seja pré-romana e sempre manifestou forte variação dialetal entre presença/ausência da semivogal.

² Cf. Segundo Oliveira (1991:104), os nomes próprios são mais resistentes a implementação de uma mudança sonora.

Tabela 2: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da velocidade de fala

FATORES	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
Rápida	242/258 94%	.80
Moderada	344/454 76%	.42
Lenta	29/89 33%	.07
TOTAL	615/801 77%	

Input .87 Significance .007

Na tabela 2, notamos que à medida que aumenta a velocidade de fala aumenta a aplicação da regra. Esses resultados confirmam o que já é sobejamente comprovado na literatura lingüística (cf. Abaurre, 1976, 1979; Moraes & Leite, 1993): segmentos fônicos são mais facilmente perdidos numa aceleração maior da fala. Segundo Abaurre (op. cit.), este fato é puramente fonético e tem muito a ver com a diminuição das diferenças articulatórias de produção dos sons. Neste sentido e, ao mesmo tempo, contrariando o que é demonstrado pelo contexto seguinte, acima analisado, esta variável mostra evidência de condicionamento neogramático, já que não é possível identificar qualquer explicação de natureza difusionista para este fato.

2.1.3. Escolaridade

A variável *escolaridade* também mostrou-se importante para a aplicação da regra. Os resultados são:

Tabela 3: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da escolaridade

FATORES	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
Não escolarizados	357/428 83%	.63
Escolarizados	258/373 69%	.35
TOTAL	615/801 77%	

Input .87 Significance .007

Os indivíduos escolarizados (.35) aplicam menos a regra de monotongação do que os falantes não escolarizados (.63).

A relevância desta variável demonstra que a regra de monotongação no dialeto em foco possui *diferenciação diastrática*, i.e., que o fenômeno está associado à diferenças de ordem sociocultural; mostrando, portanto, a ação inibidora da escola em relação à implementação do fenômeno. Ao que parece, o contato com a norma padrão e com a escrita, proporcionado pela escola, faz com que os falantes modifiquem o seu comportamento lingüístico e passem a usar menos a forma monotongada. Para Labov (1994:542), ao diferenciar mudanças NG e DL, esse grau de consciência social constitui indício de implementação via difusão lexical.

2.1.4. Tonicidade da sílaba

Tabela 4: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da tonicidade da sílaba

FATORES	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
Sílaba tônica. Ex.: beijo	524/631	83%	.71
Sílaba átona. Ex.: beijinho	91/170	54%	.20
Total	615/801	77%	

Input .87 Significance .007

Nesses resultados, chamou-nos atenção o fato de as sílabas tônicas (.71) propiciarem mais a perda da semivogal do que as átonas (.20). Existem vários trabalhos realizados em Fonética Experimental que demonstram que a *duração* é o correlato físico mais importante do acento do português do Brasil (Delgado Martins, 1986, 1988; Fernandes, 1976; Moraes, 1986, 1987; etc.). Ou seja, as sílabas tônicas são produzidas com uma duração maior do que as sílabas átonas. Conseqüentemente, seria de se esperar que a perda de segmentos fosse mais comum em sílabas átonas, por serem produzidas com menor duração. Porém, é justamente o contrário o que os pesos relativos revelam para a monotongação do ditongo [eɪ].

A variável *tonicidade da sílaba* também foi relevante para a aplicação da regra de monotongação do ditongo [eɪ] no dialeto de Ibiacá (RS) (Meneghini, 1983), embora no sentido de as sílabas átonas propiciarem mais a ocorrência de monotongos do que as tônicas. Já para os dialetos de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (Cabreira, 1996), bem como para o dialeto carioca (Paiva, 1996), tal variável não revelou qualquer interferência sobre a redução do ditongo em pauta.

O grupo de fatores *tonicidade da sílaba* parece nos mostrar o condicionamento fonético, gradual da mudança sonora, no espírito da proposta Neogramática: de um lado, as sílabas tônicas propiciam a aplicação da regra; de outro, as átonas bloqueiam a ocorrência de monotongos. Esses resultados vêm corroborar a hipótese de Labov, já que não é observada nenhuma evidência de condicionamento lexical. Mas é notória a diferença dialetal, comentada no parágrafo acima. Não estaria a regra, neste sentido, se implementando também via difusão lexical, afetando gradualmente dialeto-por-dialeto? Uma vez que a implementação da mudança se dê via regras Neogramáticas, não seria esperado que os dialetos tivessem uma aproximação nos resultados, ou que exibissem o mesmo comportamento, já que a regra é a mesma? Tais questões são aqui obscuras.

2.1.5. Idade

A *idade dos informantes* foi a última variável selecionada pelo programa como relevante para a interpretação da monotongação de ditongo [eɪ]. Os resultados estão expostos na tabela 5, a seguir.

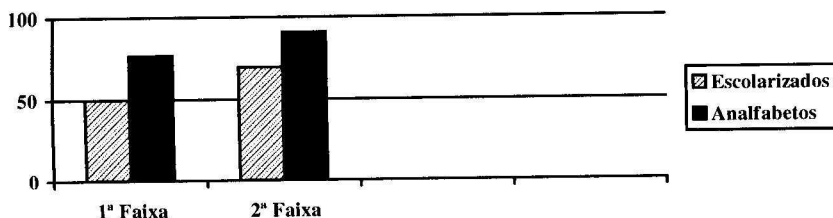
Tabela 5: A monotongação do ditongo [eɪ]: efeito da faixa etária

FATORES	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
2ª Faixa etária (mais de 50 anos)	306/353	87%	.58
1ª Faixa etária (15/25 anos)	309/448	69%	.42
Total	615/801	77%	

Input .87 Significance .007

Os mais velhos (.58) aplicam mais a regra do que os mais jovens (.42), conforme os números da tabela acima. É provável, porém, que esses números se expliquem em função do grau de escolaridade. O cruzamento destas variáveis (idade vs. escolaridade), abaixo, nos proporcionou os seguintes resultados:

Gráfico 1: A monotongação do ditongo [eɪ]: atuação da idade relacionada à escolaridade



Segundo o gráfico acima, a aplicação da regra vai aumentando entre os falantes da 2ª faixa etária, à medida que diminui o grau de instrução. Em outras palavras, os mais velhos aplicam mais a regra de monotongação do ditongo [eɪ] pelo fato de serem menos escolarizados. Esses resultados reforçam os resultados da tabela 3, anteriormente apresentada.

A partir das considerações feitas até agora, é possível afirmar que a aplicação da regra de monotongação no dialeto caxiense é sensível tanto a fatores lingüísticos: *natureza do elemento seguinte ao ditongo [eɪ]*, *velocidade de fala e tonicidade da sílaba*, quanto a fatores extralingüísticos: *escolaridade e idade dos informantes*. A perda da semivogal do ditongo [eɪ] constitui um índice de diferenciação diastrática e diatópica, uma vez que os falantes escolarizados se distinguem dos analfabetos, assim como os diferentes dialetos.

Apresentamos, neste trecho do trabalho, evidências a favor da interpretação Neogramática, na medida em que atestam a pertinência de fatores fonéticos; e, por outro lado, evidências que confirmam as propostas feitas na literatura sobre Difusão

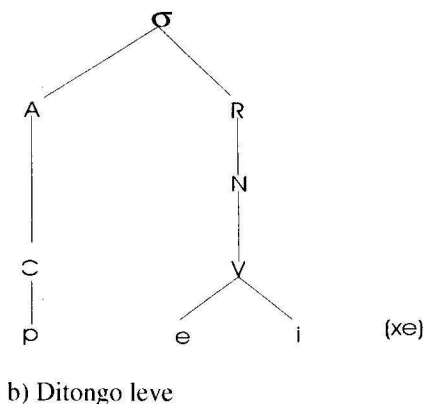
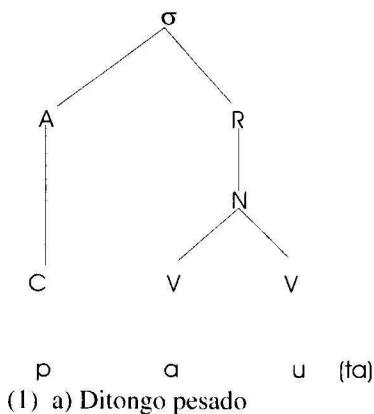
Lexical, ao mostrar a relevância de certos fatores lexicais. Constatamos, portanto, que estamos lidando com uma situação de ponderação de fatores, não sendo possível decidir por um modelo ou outro. Os resultados mostram uma inter-relação entre eles.

3. A QUESTÃO FONOLÓGICA

Nesta seção a nossa preocupação fundamental volta-se para a representação fonológica do fenômeno em questão, i.e., como se poderia explicar, do ponto de vista fonológico, a monotongação do ditongo [eɪ]. A esse respeito discutiremos duas propostas: a interpretação de Bisol (1989, 1994) – baseada na Teoria da Geometria de Traços (Clements, 1985) – e a abordagem de Schane (1995), fundamentada na Fonologia de Partículas (FP).

3.1. Bisol (1989, 1994)

Bisol (1989) distingue no português dois tipos de ditongos: os **ditongos pesados**, ligados a dois elementos V's, e os **ditongos leves**, ligados a um único elemento V na camada prosódica. A autora admite a não monotongação dos primeiros e a monotongação dos segundos, postulando, a partir daí, uma representação dos ditongos em português, como mostrado em (1a-b).



Bisol (1994:132)

Segunda a autora, os ditongos pesados (ou ditongos verdadeiros) são de natureza lexical, i.e., estão representados na estrutura subjacente por duas vogais, ao passo que os ditongos leves (ou falsos ditongos) são pós-lexicais, ou seja, só aparece uma vogal na subjacência, formando-se o *glide* em nível mais próximo à superfície,

num processo de assimilação de traços: “o nó *vocalico* que domina o traço [coronal] e o nó de abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados, e como num legítimo processo de assimilação, cria um segmento. Eis aí a origem do *glide*” (Bisol, 1994:129).

A autora mostra que o comportamento do ditongo antes de palatais reflete o fato histórico de que a fonte latina não mostra posição para o *glide*, enquanto o faz no caso do verdadeiro ditongo. No último tipo, o *glide* aparece por substituição ou apagamento de uma consoante de coda. Toma o lugar da consoante e tende a ser preservado (*reitor* < *rector*). Criado por espraimento diante de palatal, forma um ditongo (*peixe* < *piscis*) que não assume função fonológica, isto é, distintiva, nos termos da fonologia clássica (Bisol, 1989:192).

Em resumo, a proposta nos oferece elementos para exprimir a idéia de que palavras como *queijo*, *peixe*, *eixo*, todas com as variantes *ditongo* ~ *vogal* na fala, possuem uma só vogal na subjacência, e que a variante com ditongo tem a sua origem no traço secundário da palatal, que, ao expandir-se, cria o *glide* epentético. Segundo Bisol, esse tipo de ditongo, classificado como leve, tende a ser perdido. Contudo, levando em conta os dados da tabela 1, acima, como se explicaria a baixa produtividade da regra diante de [ʒ] (.18), uma vez que neste ambiente – segundo a proposta – era de se esperar a monotongação? Podemos falar, assim, de subjacência de uma vogal apenas?

Com respeito ao ditongo [eɪ] no contexto *tepe* (Bisol, 1989:193), a autora admite que o ditongo é leve. Ele alterna livremente com a vogal simples, sem causar mudança de sentido. A autora apresenta duas possíveis explicações para este caso. A primeira baseada na hipótese de *metátese*; e a segunda, na noção de *escala de sonoridade*. Segundo ela, ambos os tratamentos sugerem que o ditongo não existe na estrutura subjacente.

Os nossos dados apresentam um alto índice de monotongação antes de *tepe* (.85). Este resultado nos permite inferir, em suporte a teoria aqui empregada, que o *glide* desse ditongo é leve. É possível que essa alternância *vogal* ~ *ditongo* seja em decorrência do fato de que, na subjacência, o falante não tem o ditongo, mas apenas a vogal. Porém, afirmar que o *glide* surge por espraimento, como manda a *escala da sonoridade*, é questionável. Se assim fosse, por que não se formou um ditongo antes de [r] na palavra *cera* (*ceira), por exemplo? A qualidade desse item lexical parece a mesma das palavras *eira*, *beira*, *feira*, *primeiro*, todas com o ditongo [eɪ] em sílaba tônica.

A redução do ditongo [eɪ] antes de [n], [g] e da vogal central baixa [a] não recebe nenhum tratamento neste modelo. Talvez por se tratar, no caso dos contextos [n] e [g], de palavra isoladas. Todavia antes de [a] não poderíamos dizer o mesmo, pois se trata de um grupo de palavras, no qual as mais comuns são: *veia*, *teia*, *ceia*, *meia*, *semeia(r)*, *gorjeia(r)*, *cheia*, *feia*, etc. Que análise poderíamos oferecer para

esse conjunto de itens? Serão ditongos fonológicos ou fonéticos, segundo os padrões desta proposta? Se fonéticos, como se explicaria o *glide* na estrutura subjacente? Afinal, estes ditongos, do ponto de vista diacrônico, aparecem por inserção depois da queda de uma consoante nasal em posição de ataque (veja-se (2), abaixo). Não teríamos aí, já prescrita, duas posições no esqueleto prosódico, e por isso constituiriam ditongos fonológicos? E por que monotongaram? Ou, ainda, até que ponto devemos levar em conta o fator histórico empregado pelo modelo para sustentar a representação dos ditongos/monotongos?

(2) *ceia* (lat. *cēna* > *cea* > *ceia*) *veia* (lat. *vēna* > *vea* > *veia*)

A proposta de Bisol parece-nos particularmente válida para explicar a ocorrência de monotongos diante de palatais e de vibrante simples ou tepe. No entanto, quando a monotongação acontece diante de vogais – como, p.ex., nas palavras *meia* > [*mea*], *aveia* > [*a'vea*], etc. – conforme observado nos dialetos de Ribeirópolis (Sergipe)³ e de Caxias – nada é mencionado a respeito. Com exceção disso, o trabalho da autora representa um avanço significativo na interpretação dos ditongos/monotongos no português do Brasil.

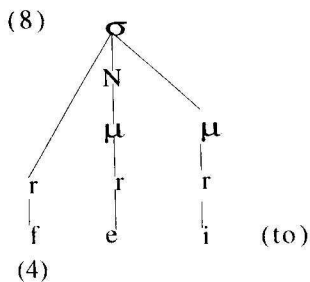
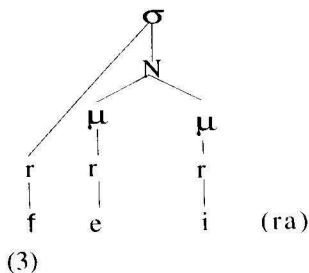
3.2. Schane (1995)

Outro modelo teórico de explicação dos ditongos/monotongos é o da Fonologia de Partículas (FP), defendido por Schane (1995:586-608). Em linhas gerais, a FP opera com um conjunto de traços unitários (partículas), tais como: |l| representando a abertura, |l| representando a palatalização e |lʌ| representando a labialização. A vogal [e], por exemplo, seria analisada como uma combinação de [a] + [i]. A proposta é similar a que é usada na Fonologia de Charme e de Governo (cf. Kaye, Lowenstamm & Vergnaud, 1985) e da Fonologia da Dependência, embora as diferenças existem no reconhecimento dos traços primitivos e no tratamento das vogais altas. O modelo tem especial interesse nos processos de assimilação e na relação entre monotongação e ditongação.

Com base no peso do núcleo, a FP distingue dois tipos de ditongos no português do Brasil: *aqueles com duas unidades de tempo no interior do núcleo* (conseqüentemente, dois nós de raiz), e *os que portam apenas uma unidade de tempo* (conseqüentemente, um nó de raiz). Os primeiros possuem *glide de núcleo* e alternam com a vogal simples (ditongos variáveis), dando origem aos monotongos; e os últimos são formados por um *glide de coda* e não variam. Neste modelo, os

³ Cf. Mota (1986).

ditongos teriam, portanto, as representações fonológicas mostradas nos exemplos (3), para o ditongo variável, e (4), para o ditongo invariável.



A monotongação pode ser definida como a fusão (ou fechamento) dos nós *r* de núcleo de um ditongo. Como consequência da fusão, todas as partículas se tornarão compartilhadas.

A diferença básica entre esta abordagem e a proposta de Bisol, acima comentada, está no produto da monotongação. Para Bisol o monotongo resultante é uma sempre uma vogal *breve*; para Schane, no entanto, é *longa*.

Entre os fatores selecionados pelo programa de análise estatística, podemos destacar a variável *tonicidade da sílaba* (veja-se tabela 4, acima). Esse grupo de fatores parece-nos importante na explicação do modelo fonológico para o ditongo em estudo, especialmente na perspectiva de Schane. Notamos que há predominância de monotongos em posição tônica (.71). Como já mencionamos, esta sílaba é apontada na literatura como sendo foneticamente mais longa do que as sílabas átonas (Fernandes, 1976; Moraes, 1986, 1987, Delgado Martins, 1986, 1988; etc.). De acordo com esta interpretação, as vogais tônicas, em Português, são foneticamente mais longas do que as átonas. É como se as vogais tônicas, em sílaba aberta, tivessem um tempo a mais do que as átonas. Ora, a sílaba com o ditongo possui, em termos de duração, no nível fonológico, uma unidade temporal depois da vogal. A monotongação afeta a estrutura silábica, eliminando (ou fundindo, na visão da FP) o elemento pós-vocálico. Se a monotongação atinge uma sílaba átona, o resultado será uma sílaba aberta com vogal breve; se, por outro lado, afeta uma sílaba tônica, o resultado será uma sílaba aberta com vogal longa⁴, motivada pela preservação da unidade temporal referente ao *glide*. Em outras palavras, a monotongação acontece preferencialmente na sílaba tônica porque a duração da sílaba não sofre alteração, enquanto que na sílaba átona esta duração tende a ser perdida.

É possível que essas evidências fonéticas se apliquem à interpretação fonológica de Schane (1995), quando propõe o alongamento da vogal resultante do

⁴ Com relação a este alongamento, ele se restringe aos casos de monotongação do ditongo em sílaba tônica, não se aplica, portanto, para a vogal tônica.

processo de monotongação em sílaba pesada, para compensar a ausência do *glide vocálico*.

Porém, ao pensar assim, deparamo-nos em dois grandes problemas: primeiro, o português do Brasil não possui no seu sistema fonológico vogais longas para que fosse possível estabelecer que o resultado da fusão seja uma vogal longa, e propor algo dessa natureza implica considerações imensuráveis, as quais fogem completamente do escopo de nosso estudo. Segundo, levando em conta que a monotongação também acontece em sílabas átonas, embora a preferência seja pelas tônicas, como poderíamos dizer que o resultado do processo seja uma vogal longa? Para resolver este tipo de problema, a proposta teria que lançar mão de mais uma representação capaz de dar conta desse tipo de redução, que resultaria num vogal simples. Isto implicaria uma sobrecarga no modelo.

Outro grupo de fatores que se mostrou altamente relevante no processo de monotongação do ditongo [eɪ] foi o *segmento seguinte*. O cancelamento do *glide* ocorre, em geral, antes de [r], [a], [ʃ] e [ʒ]. O que poderia nos assegurar, com respeito ainda a proposta da Fonologia de Partículas, de que a redução do ditongo tem a ver com o número de moras mais do que com o segmento seguinte? Os nossos dados indicam que o *segmento seguinte* tem uma importância superior ao da *tonicidade da sílaba*, uma vez que tem sido o primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa de análise estatística. Como se encaixaria isto do ponto de vista da teoria?

Diante das questões que ficam em aberto, não sabemos dizer em que medida esta proposta é viável para explicar o fenômeno aqui em discussão. Necessitaríamos de uma investigação mais detalhada do modelo.

4. CONCLUSÃO

Os resultados, nesta análise, conduziram-nos às seguintes conclusões:

O processo de monotongação do ditongo [eɪ] no dialeto caxiense está correlacionado aos fatores lingüísticos, tais como: o segmento seguinte ([r], [ʒ], [ʃ], [a], [g] e [n]), a velocidade de fala e a tonicidade da sílaba; e extralingüísticos, como: a escolaridade e a idade dos informantes.

Os resultados para os grupos de fatores não são conclusivos quanto à implementação da mudança: ora fornecendo evidências a favor da hipótese Neogramática, ora a favor da abordagem Difusionista. Não é possível decidir por um modelo ou outro.

Quanto ao modelo fonológico, a situação também é controversa. Os modelos tratados apresentam alguns problemas, não obstante as contribuições. A proposta de Bisol (1989, 1994) destaca a importância do contexto seguinte para a aplicação da

regra, restringindo-se, porém, aos contextos de palatais e de tepe. Os demais ambientes ([n], [g] e [a]) são negligenciados.

A proposta defendida por Schane (1995), ressalta o valor do peso silábico: a monotongação se dá preferencialmente nas sílabas de maior duração silábica, visto que nelas não há alteração da estrutura silábica. O peso da sílaba é compensado pelo alongamento natural da vogal de base. O problema desse tipo de análise é a formação de vogais longas. O português do Brasil não possui vogais longas no seu sistema fonológico. Outro problema notado é que a teoria não explicita se a monotongação tem a ver com o peso do núcleo silábico mais do que com o segmento seguinte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. **Phonostylistic aspects of a brazilian portuguese dialect: implications for syllable structure constraints**. Doctoral dissertation, Buffalo: University of New York, 1979.
- _____. O status teórico dos "tempos" (velocidade) de pronúncia na Fonologia Gerativa Natural. **I Encontro Nacional de Linguística** (Conferências). Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1976.
- ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. **A alternância de [eɪ] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA**. Dissertação de mestrado. UNICAMP: Campinas, 1999.
- CHAMBER, J. K. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.
- BISOL, L. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.**, vol. 10, nº especial, pp. 123-140, 1994
- _____. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, v.5, nº 2, pp. 185-224, 1989.
- CABREIRA, Sílvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1996.
- CALLOU, Dinah. MORAES, João & LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **D.E.L.T.A.**, vol. 14, Nº especial, pp. 61-72, 1998.
- CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. **Phonology Yearbook 2**, pp. 225-252, 1985.
- DELGADO MARTINS, M. R. **Ouvir falar – Introdução à fonética do português**. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.
- _____. **Sept études sur la perception**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- FERNANDES, Norma. **Contribuições para uma análise instrumental da acentuação e da intonação do português**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1976.
- KAYE, Jonathan; Jean Lowenstamm & Jean-Roger Vergnaud. The internal structure of phonological elements: a theory of charm and government. **Phonology 2**: 305-238.

- LABOV, William. **Principles of linguistic change: Internal factors**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, Journal of the linguistic society of america, vol. 57, nº 2, pp. 267-308, June, 1981.
- LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. **Linguística e ensino do vernáculo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 53/54:60-94, abr/set., 1978.
- MACHADO, João Pedro. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Vol. II, 1ª ed., Lisboa: Editorial Confluência, 1959 [1952].
- MENEZHINI, F. **O fenômeno da monotongação em Ibiçá, Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1983.
- MOLLICA, M.C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- MORAES, J. Antônio de. Correts acoustiques de l'accent de mot en portugais brésilien. **Proceedings of the XI International Congress of Phonetic Sciences**. Vol. 3, pp. 313-316, Tallin, Estonia, URSS, 1987.
- _____. **Acentuação lexical e acentuação frasal em português: um estudo acústico-perceptivo**. Comunicação apresentada no II Encontro Nacional de Fonética e Fonologia. Brasília, 1986.
- MOTA, Jacyr. Variação entre *ei e e* em Sergipe. **Estudos** (5), pp. 119-127, dez., 1986.
- OLIVEIRA, M. A. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, vol. 6, nº 2, pp. 31-58, jul./dez., 1997.
- _____. O léxico como controlador de mudanças sonoras. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte: ano 4, v. 1, pp. 75-92, jan./jun., 1995.
- _____. Aspectos da difusão lexical. **Revista de estudos da linguagem**, ano 1, v. 1, pp. 31-41, jul./dez., 1992.
- _____. The neogrammarian controversy revisited. **International journal of the sociology of language**. Berlin: v. 98, pp. 93-105, 1991.
- PAIVA, Maria da Conceição A. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SHERRE, Maria M. P. et al. (Org.) **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. pp. 218-236.
- SCHANE, Sanford. Diphthongization in Particle Phonology. In: Goldsmith, J. (Org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Brasil Blackwell Ltda, 1995. pp. 586-608.
- VEADO, Maria A. Redução de ditongo - uma variável sociolingüística. **Ensaios de lingüística**, Belo Horizonte (MG), ano V, n. 9, pp. 209-229, dez., 1983.